
DOI: <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v6n1p14-24>

TRABALHOS (IN)VISÍVEIS, EDUCAÇÃO E ESCOLA: PERGUNTAS QUE NÃO QUEREM CALAR...

(IN)VISIBLE WORKS, EDUCATION AND SCHOOL: QUESTIONS THAT CAN'T BE SILENCED...

Lia Tiriba¹

*Trabalho, amor e sabedoria são as fontes de nossa vida.
Deviam também governá-la. (Wilhelm Reich)*

Referendado na premissa do princípio educativo do trabalho e das relações históricas entre trabalho e educação, e com linguagem por vezes coloquial, este ensaio tem como intenção provocar o leitor e a leitora quanto a aparente unanimidade em relação aos sentidos atribuídos à educação escolar, bem como à educação no sentido amplo de formação humana. Se a educação é direito universal e um dever do Estado, e se, historicamente, projeto educativo e projeto societário caminham de mãos dadas, precisamos considerar que nós educadores também precisamos ser educados se, de fato, queremos mudar as circunstâncias que nos rodeiam e transformar o mundo dentro e fora da escola. Como é impossível separar o *homo faber* do *homo sapiens*, o que nos leva a afirmar que todos nós somos intelectuais, seria demais considerar que todo cozinheiro e toda cozinheira deveriam aprender a governar o Estado e a controlar aqueles que transitoriamente dirigem? Ao invés de respostas, nada melhor do que fazer muitas perguntas, as quais, em última instância, nos encaminham à pergunta de Paulo Freire: *o que seria do opressor se o oprimido perguntasse por quê?*

¹ Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutora em Ciências Políticas e Sociologia pela Universidade Complutense de Madrid. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do Núcleo Trabalho e Educação (Neddate) - <http://neddate.sites.uff.br/>.

TRABALHO E ÓCIO: ESCOLA, PARA QUE TE QUERO?

Seguindo a racionalidade cartesiana, a escola, em geral, espera que crianças, jovens e adultos respondam as perguntas que lhes são feitas na sala de aula e em outros templos do saber e que, com certeza, podem cair em alguma prova de vida. Quem descobriu o Brasil? Como é mesmo a fórmula da equação de segundo grau? Qual a população do Brasil? Quem sabe a letra do hino nacional de cor e salteado? Que dia foi assinada a Lei Áurea? Como se conjuga os verbos irregulares? Tem certeza de que dois e dois são quatro? Seria o caso de fazer a prova dos nove? Se tirar a média aritmética, dá para passar de ano ou vamos ter que repetir todas as matérias de novo?

Como disse Viviane aos 10 anos de idade, “não sei o que acontece, pois quando eu vou para a escola a minha vida fica; quando volto para casa, minha vida volta”. Mesmo sentindo saudades das brincadeiras, da bagunça e da alegria de encontrar os colegas, o importante é passar de ano e, logo-logo, entrar em férias. Coisa boa é ter tempo livre para brincar, namorar ou não fazer nada; mas também é preciso dedicar-se ao trabalho na roça ou, quem sabe, vender qualquer-coisa-que-seja na beira da estrada. Esse tempo pode servir para ganhar alguns trocados, lavando pára-brisas de carros parados nos sinais de trânsito e em outros espaços/tempos engarrafados da cidade do capital. A hora do *rush* é um bom momento para vender biscoito de polvilho, refrigerante, água mineral ou qualquer outra coisa que ajude a passar o tempo dos motoristas, e também distrair os transeuntes que desejam chegar em casa são e salvos de um possível tiroteio.

Olhando pela vidraça estilhaçada, é possível perceber que a sala de aula apresenta-se como um espelho embaçado do mundo do trabalho. Em frente à lousa estão sentadas crianças, jovens e adultos que levam suas experiências de vida e trabalho, ainda que seus saberes não caibam no tempo da escola. São estudantes-trabalhadores que, na esperança de um futuro melhor, sintonizam seus olhares no presente e no passado. Querer um bom

trabalho, ter família e ser alguém na vida, é um desejo e uma necessidade imediata que precisam ser realizados a qualquer preço. Esta é uma questão de vida de morte. Caso contrário, assim como advertia Engels (2008) em relação à situação da classe trabalhadora na Inglaterra no século XVIII, o que as pessoas vão fazer? Roubar, pilhar, assassinar... e preferencialmente, se rebelar.

Antonio Gramsci, pensador italiano que morreu em 1937, nas garras do fascismo, assinalou em um de seus Cadernos do Cárcere, que os processos de escolarização em massa tendem a facilitar o aprendizado daqueles que não conseguem 'ser alguém na vida'. Mesmo assim, quando não acreditam que são estúpidas por natureza, as pessoas do povo desconfiam que a escola tenha algum truque contra elas, uma vez que, em geral, os processos educativos não lhes permitem apreender o que a instituição escolar diz que elas deveriam ter aprendido. Ao contrário dos meninos e meninas que entram familiarizados com a cultura da fidalguia e da fina flor da sociedade, a educação escolar torna-se para os filhos da classe trabalhadora um espaço/tempo de "aprender a se auto-impor privações e limitações do movimento físico, isto é, a se submeter a um tirocínio psicofísico". Em outras palavras, para a grande maioria da classe trabalhadora, a escola pode se tornar sinônimo de um árduo processo de adaptação, requerendo muito "esforço, aborrecimento e até mesmo sofrimento" (GRAMSCI, 2001, p. 51).

Depois de longa jornada escolar, finalmente chegou o dia das férias! Férias para fazer o quê? Como dizia Herbert Marcuse (1975), no capitalismo, o tempo de ócio (entendido como tempo de fruição) tornou-se o tempo para a recomposição de energias necessárias para o trabalho, quer dizer, para o trabalho produtivo, o que requer, entre outros, o tempo livre para o consumo, ainda que de quinquilharias que deterioram o planeta. Para ser radical (ou seja, para ir às raízes das coisas), diria que as "merecidas férias" podem nos proporcionar tempo livre para fruição e, ao mesmo tempo, constituir-se como um tempo convidativo para que possamos participar dos processos de reprodução ampliada do capital, com maior ou menor intensidade. Seria esse um dos sentidos econômicos e culturais do ócio criativo?

O passar-a-vida constitui-se nos espaços/tempos de reprodução ampliada do capital, conjugado com o chamado trabalho de reprodução, entendido como o trabalho de cuidar dos humanos (e quando muito, dos não humanos...). Em uma sociedade igualitária, estes últimos espaços/tempos não necessariamente se reduzem ao trabalho doméstico, mas ao cuidado da vida em comunidade, da sociedade e do próprio universo. Assim, na perspectiva de uma educação emancipadora, e contrariando os interesses de classe dos homens-de-negócio (e outros mamíferos de luxo, como dizia Gramsci), a escola também poderia nos ensinar a contabilizar o tempo de trabalho necessário para nos rebelar contra uma forma de viver que torna os seres humanos e outros elementos da natureza (flora/fauna/mundo mineral) prisioneiros da sociedade produtora de mercadorias.

Sem dúvida, todos e todas nós temos o direito ao ócio; e também o direito à educação. Mas qual educação? Para aprender o quê? Para ensinar o quê? Para nos preparar para o trabalho? Qual trabalho? Para que sociedade? Essas não são perguntas fáceis de responder, pois não são tão claras como a água...

MISÉRIA DO TRABALHO

No atual contexto de crise sanitária, até o final do mês de outubro de 2021 haviam morrido 608 mil pessoas de Covid no Brasil; outras tantas continuam a morrer de tristeza, ansiedade, depressão e outros males causados pelo confinamento, desemprego e precarização extrema do trabalho e da vida. Em última instância, o vírus é filho do capitalismo e, ao mesmo tempo, expressão máxima do esgotamento deste modo de produção da existência que tem hegemonia sobre outros modos de produzir a vida. Não por acaso, Engels questionava as relações que, mediados pelo trabalho, estabelecemos com a Mãe-natureza (carinhosamente chamada de *Pachamama* pelos povos latino-americanos). Dizia que, por trata-se de relações dialéticas, não deveríamos nos entusiasmar demais com o domínio da natureza pelos

humanos; tanto que no século XVIII, por exemplo, a expansão da monocultura da batata na Europa havia contribuído para a difusão da escrofulose². O que Engels talvez não imaginasse é a velocidade com que, no século 21, iria se expandir, neste país e no mundo, o cultivo de sementes transgênicas, a produção de agrotóxicos e de outros insumos químicos que compõem os pacotes tecnológicos da Revolução Verde.

A produção destrutiva do capital e o ultraliberalismo têm levado às últimas consequências a (necro) política, ou seja, políticas de destruição de todos os elementos da natureza. Neste contexto, pedem socorro os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, castanheiros, pantaneiros e outros povos e comunidades tradicionais que lutam contra as formas de genocídio; gritam contra a expansão do agronegócio e do neoextrativismo que poluem terras, rios e florestas. Lutam contra a invasão de seus territórios e pelo direito de decidir sobre a maneira como desejam viver, como desejam produzir seus meios de vida. Rebelam-se contra as relações de dominação e o racismo estrutural impostos pelos europeus com a conquista da América; basta lembrar que durante o processo da chamada acumulação primitiva do capital, cerca de 12, 5 milhões de homens e mulheres foram arrancados da África, na perspectiva de se estabelecer as bases para o capital mundial. Em pleno século XXI, a título de higienização, os seres humanos podem ser descartados à luz da noite e, mesmo, à luz do dia.

São bolivianos, peruanos, venezuelanos, senegaleses, brasileiros... São indígenas, homens e mulheres negras e negras retintas... São trabalhadores e trabalhadoras com diferentes cores de pele, com suas caras suadas, coloridas e multifacetadas, que voltaram a ocupar e povoar as ruas da cidade ou a mendigar na beira da estrada. Não são vagabundos, mas homens, mulheres - crianças, jovens e adultos que fazem da rua ou de qualquer espaço público o seu local de trabalho e de moradia. Entre os especialistas em tecnologias de sobrevivência, estão homens estátuas e malabaristas, catadores de latinhas,

² Escrofulose ou tuberculose ganglionar é uma doença que se manifesta pela formação de tumores duros e dolorosos nos gânglios linfáticos, principalmente nos que se localizam no queixo, pescoço, axilas e virilhas, devido a presença do Bacilo de Koch fora dos pulmões. Revista Lex Cult, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 14-24, jan./abr. 2022.

distribuidores de panfletos, vendedores de doces, salgados e de uma enorme quinquilharia vinda da China. Para aquecer o mercado do trabalho-de-rua, alguns jovens imploram que alguém entre em alguma loja para comprar uma caixa com trinta paçocas; assim poderão revendê-las aos transeuntes ao longo do dia. São homens e mulheres descartáveis que também podem ser considerados como categoria estagnada ou peso morto do exército industrial de reserva, como classificava Marx (1980) a superpopulação relativamente excedente no mercado de trabalho.

Todo trabalho é trabalho coletivo, mas nem sempre conseguimos perceber a forma como ele se materializa como força coletiva de trabalho. Entre tantos trabalhos necessários para reprodução da vida, achamos importante destacar os trabalhos que podem parecer (in)visíveis, mas estão fortemente presentes nas calçadas das avenidas e ruelas, e mesmo em um lugarejo perdido, bem longe da cidade. Nesse sentido, valeria perguntar: independente de que possam ser considerados como trabalhos produtivos, trabalhos improdutivos ou trabalhos de reprodução, que outros trabalhos podem existir atrás do trabalho de uma pessoa? Por trás da moça que vende biscoito industrializado pode ter um atravessador e/ou intermediário do capital. Mas não apenas!

De uma maneira geral, costumamos afirmar que, para *ganhar a vida*, as pessoas precisam se apresentar individual ou associativamente no mercado de trabalho. No entanto, é preciso considerar que se *todo trabalho é trabalho social*, nem mesmo o chamado *trabalhador individual* exerce sozinho sua atividade na rua. Para comprar a farinha para empadinha, ajudar a carregar o tabuleiro da baiana, montar a banquinha com frutas e legumes ou, até mesmo para fugir do *rapa*, é preciso pedir ajuda a alguém, e preferencialmente, encontrar outra pessoa que queira a nós se associar. Embora possam estar sozinhas nas calçadas, as pessoas não foram parar ali sozinhas.

Como atores-coadjuvantes da economia popular *Oikotrabalhadores* (oiko, em grego = casa), são pessoas que, unidas por laços sociais de amizade ou de parentesco, promovem e estimulam redes de solidariedade, em

diferentes níveis e estilos. Buscam garantir a manutenção da “unidade doméstica”, ainda que situada no meio da calçada, nas praças ou embaixo de um viaduto. As atividades desses *trabalhadores invisíveis* não se reduzem ao trabalho de cuidar da casa, geralmente atribuído à mãe/mulher, estendendo-se a outras atividades de apoio que possibilitam que os membros do grupo doméstico ou da família extensa possam se apresentar no mercado de trabalho como entregadores de remédios, de pizza ou qualquer outra guloseima (TIRIBA, 2010).

Neste contexto de miséria e de crise generalizada do capitalismo, além de “provar” a aquisição de competências básicas (cognitivas e emocionais) para o empreendedorismo e para a (des)empregabilidade, e de responder “adequadamente” às perguntas que nos fazem os mestres, precisamos aprender a fazer outras perguntas. O que é preciso fazer para conseguir um lugar ao sol no mercado de trabalho? O trabalho é uma mercadoria que, como outra qualquer, deve ser vendida no mercado? Na sociedade produtora de mercadorias, quais os sentidos da escola e da própria vida?

PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO-MERCADORIA

Em geral, quando falamos em educação, remetemo-nos a um espaço/tempo que chamamos de escola. Na Grécia antiga σχολείο significava lugar de ócio, quer dizer, lugar do não-trabalho, um espaço para passar o tempo daqueles que poderiam viver do trabalho alheio. Hoje em dia, na segunda década do Século XXI, tornou-se cada vez mais evidente que a “educação ao longo da vida”, proposta pela UNESCO em 1996, representou um grande negócio para o capital. A proposta fundamenta-se na ideia de que o conhecimento se tornaria a principal força produtiva do capital e, portanto, seria essencial tornar a força de trabalho mais atrativa ao mercado capitalista, e, por conseguinte, ao comprador da força de trabalho. Na chamada sociedade do conhecimento, assim como o trabalho se tornou trabalho-mercadoria, a educação também se tornou educação-mercadoria. Seguindo a lei da oferta e

procura que caracteriza a economia capitalista, os processos de mercantilização das relações sociais vão se expandindo, buscando ocupar mais e mais espaços em nossas vidas.

Indo ao encontro dos desejos de ganância dos “homens-de-negócio”, ocorre que homens e mulheres trabalhadoras – crianças/jovens/adultos – permanecem carregando no bolso do uniforme um Boletim Escolar que lhes atesta o fracasso ou o pouco tempo dedicado ao estudo. Trata-se de uma espécie de Boletim de Ocorrência (B.O.). Como dois lados de uma moeda, o fracasso escolar e/ou o fracasso na vida justificam o (des)emprego e a inserção subordinada no mercado de trabalho e na vida. Ao mesmo tempo em que centenas e milhares de pessoas abandonam a escola para trabalhar, as luzes e câmeras da Sociedade do Espetáculo (DEBORD, 1997) se acendem e projetam um “sujeito-empresa”. Um dia, quem sabe, esse “sujeito-neoliberal” (DARDOT; LAVAL, 2016) poderá criar condições para “investir” no mercado da educação, ainda que seja para se inscrever em cursinhos de meia-tigela, que agora podem ser à distância, se a internet funcionar.

A educação-mercadoria também pode ser aquecida com a parceria público-privado no exercício de responsabilidade social empresarial (RSE), com a oferta de oficinas de costura e crochê às mulheres de comunidades “carentes”, por exemplo. Na verdade, o assistencialismo caracteriza-se como uma grande farsa, um grande teatro para ocultar as contradições entre capital e trabalho, as quais só podem ser superadas com a superação do próprio capitalismo. Na perspectiva do capital, trata-se de um projeto educativo que apregoa que a mão invisível do mercado vai nos surpreender com um baú da felicidade. O objetivo é preparar para um mercado de trabalho que, por ser “exigente”, fica sempre muito nervoso, e por isso clama por “mais educação”. Assim, mais uma vez, perguntamos: educação para quê? Trata-se de uma farsa para ajudar a passar o tempo? Educação para favorecer a produtividade máxima do capital, em detrimento do bem estar da população?

PARA CONTINUAR PENSANDO....

A educação não é necessariamente “educadora”, no sentido de uma formação humana que caminha no horizonte da emancipação humana. Nem mesmo os adeptos do negacionismo negam a importância da educação-mercadoria como elemento para expandir os processos de mercantilização e mercadorização das relações sociais. Sendo assim, é importante ter clareza sobre qual é nosso projeto educativo e como articulá-lo a um projeto societário que assegure a igualdade e a liberdade humana.

Sabemos que não há neutralidade nos processos de produção e socialização do conhecimento. Nesse sentido, como nos ensinam as *Teses sobre Feuerbach* (MARX, 1987), além de pensar, teorizar e contemplar o mundo, o que se trata é de transformá-lo. Isto requer, entre outros, o (re)conhecimento dos saberes populares, o fortalecimento dos movimentos sociais populares e das lutas para disputar o fundo público para formulação de políticas públicas comprometidas com a reprodução ampliada da vida, e não com a reprodução ampliada do capital. Para Gramsci, a classe trabalhadora tem o direito de se educar, mas se quer se tornar sujeito-criador da história e do mundo, tem também o dever de se educar, num processo contínuo de ir e vir na prática e na teoria.

A realidade se revela na medida em que vivemos e fazemos perguntas a ela. Já temos algumas respostas, mas de acordo com as *Teses*, se queremos mudar as circunstâncias que nos rodeiam e transformar o mundo dentro e fora da escola, vale não esquecer que, nesse processo, até o educador precisa ser educado. Além de ressaltar a importância do professor, também queremos lembrar a existência de outros educadores: aqueles que não tiveram o direito de ir à escola de qualidade socialmente referenciada, mas nos ensinam que é preciso seguir lutando por um mundo melhor.

Educação no Brasil: esperança, drama ou farsa? Possíveis respostas a uma determinada pergunta, carregam consigo muitas outras perguntas. São perguntas que não podem calar e que, cotidianamente, impulsionam corações

e mentes. Qual trabalho? Qual educação? O que queremos que crianças, jovens e adultos aprendam? O que precisamos aprender? Devemos ter esperança? Esperança de quê? Como lembra Paulo Freire (1992), *esperança sem projeto é desesperança*.

REFERÊNCIAS

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia de esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. Livro Primeiro.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã** (Feuerbach). São Paulo, Hucitec, 1987.
- TIRIBA, Lia. Ciência econômica e saber popular: reivindicar 'o popular' na economia e na educação. In TIRIBA, L., & PIKANÇO, I. (Orgs.). **Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária**. (pp. 75-102) Aparecida: Ideias e Letras.